

Morte e Imortalidade

O problema da morte parece ausente da filosofia contemporânea – ao menos da filosofia que enche as salas de aula das faculdades, as páginas dos manuais nos capítulos de “filosofia contemporânea” e os cadernos de cultura dos jornais mais prestigiados. Não é o único: estão também ausentes temas como Deus, a eternidade e, às vezes, o próprio homem – e não parece ser coincidência que estes temas ausentes estejam, de alguma forma, interligados.

Alheio a isto, o filósofo italiano Michele Federico Sciacca preferiu dedicar-se à questão em seu *Morte e Imortalidade*, de Michele Federico Sciacca (É Realizações, 287 páginas, tradução de Valdemar Munaro), publicado originalmente nos anos 60. E o fez justa-

mente porque, diz ele, uma vida sem a reflexão da morte é inautêntica e falsa. Não podemos expulsá-la de nós, nem a morte e nem a reflexão sobre ela, embora possamos tentar fugir das duas. E Sciacca as encara de frente. Divide o estudo em três grandes partes - A Morte, A Imortalidade e O Suicídio -, dialogando com as posições presentes na tradição filosófica ocidental, em especial com Espinosa, Nietzsche, Hegel e a escolástica. Merece destaque a terceira e última parte, onde tipifica o suicídio e o analisa do ponto de vista moral e metafísico.

**Onde encontrar: (11) 5572.5363
www.erealizacoes.com.br**



Sob o sol de Satã

“O Dostoievski francês”: com este altisonante epíteto o ensaísta Willy Burkhard intitulou um capítulo de seu estudo sobre o escritor francês George Bernanos. As evidentes semelhanças entre os dois fazem parecer um tanto curiosa a posição de certa crítica acerca deles. Se Dostoievski, tão “reacionário” e antimoderno quando Bernanos (ou talvez ainda mais, posto que crítico do Ocidente do qual Bernanos faz parte) circula livremente nos salões literários, nas universidades e nas reuniões políticas, tendo recebido até mesmo o batismo marxista de um Lukács e de um Bakhtin, o francês permanece como um autor “católico”, leitura de seminaristas e conservadores caricatos, destinado ao esquecimento no fundo de antigas bibliotecas. E é assim que Bernanos está hoje: esquecido. O que é, para citar o

título de um de seus romances, um crime.

Felizmente, a editora É Realizações está nos ajudando no reparo deste crime ao promover, entre nós, o relançamento da obra de Bernanos, há muitos anos sem publicação no Brasil, país onde ele viveu e que amava. A primeira obra relançada é *Sob o sol de Satã*, em tradução de Jorge Lima. A história do padre Donissan, homem simples e de poucas luzes, que enfrenta as mais terríveis provações físicas, psicológicas e espirituais que sua vocação lhe pode propiciar, tornou-se um dos melhores exemplos de enfrentamento do mal na literatura dos dois últimos séculos e guarda permanente atualidade estética e filosófica. Uma grande iniciativa editorial da É Realizações, que planeja lançar em breve outros volumes do autor.

